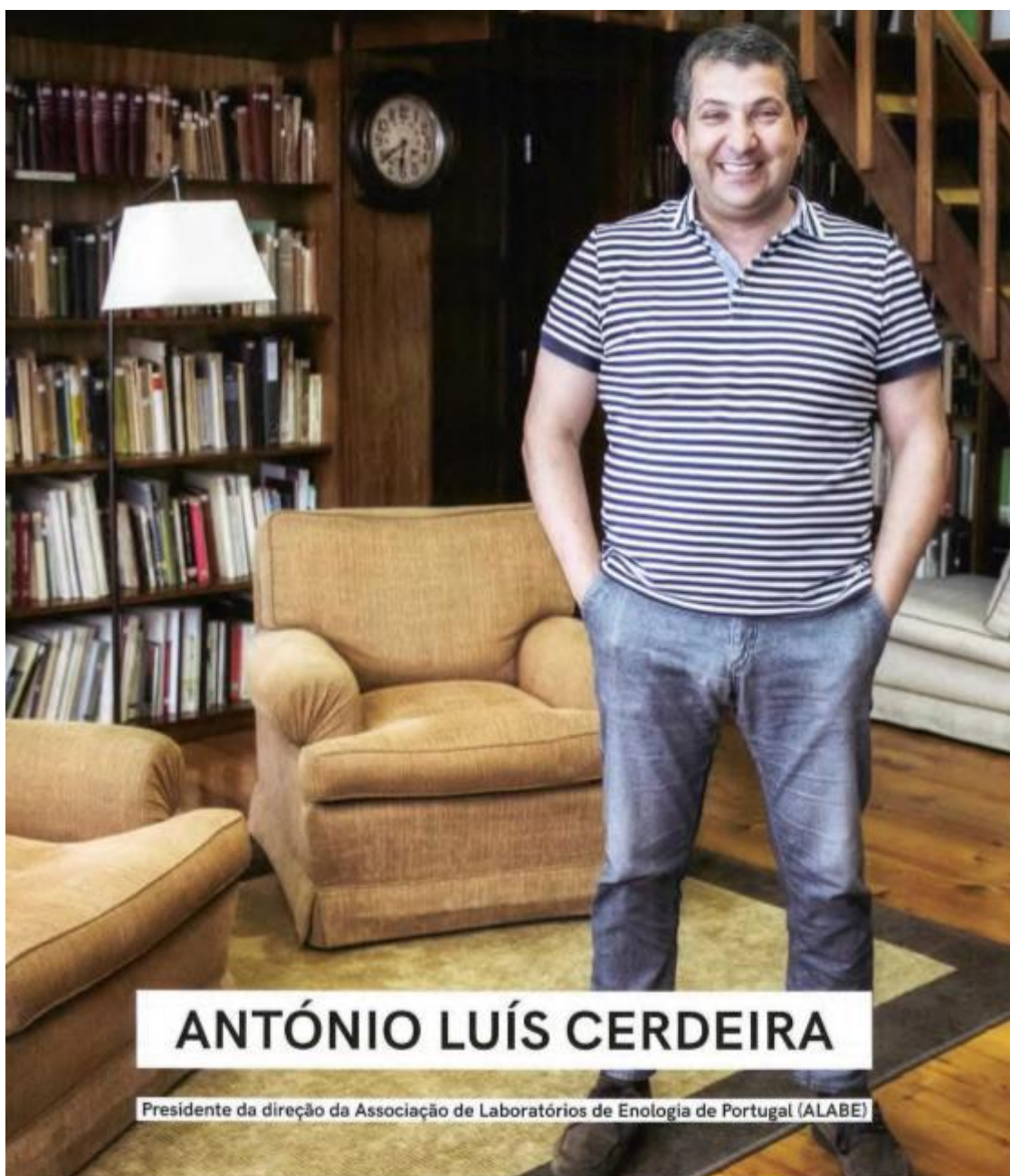


Entrevista a António Luís Cerdeira

Interview to António Luís Cerdeira

REVISTA DE
VINHOS
PARA APROFUNDADOS CONHECIDORES



Em cada segundo são consumidas cerca de 1000 garrafas de vinho em todo o mundo.

As tecnologias em torno da rastreabilidade vitivinícola e a proteção das marcas contra a fraude e a contrafação serão os grandes temas do Wine Track 2018, evento que terá lugar a 26 de Outubro, sob a forma de Jornada Internacional de Rastreabilidade Vitivinícola, no Centro de Congressos da Alfândega do Porto.

A Associação de Laboratórios de Enologia de Portugal (ALABE) é um dos promotores do certame. António Luís Cerdeira, presidente da associação, dá conta da necessidade das empresas, produtores, compradores e mesmo denominações de origem investirem no aprofundamento destas tecnologias, que permitem conhecer “a história de um vinho desde a garrafa até à vinha”.

RV: O que é a rastreabilidade no setor vitivinícola?

ALC: A rastreabilidade é muito importante pois conta-nos a história de um produto. É tão importante como isto: hoje em dia toda a garantia de um vinho está baseada na sua rastreabilidade, desde a vinha até à garrafa. Isto é fundamental não só para os consumidores, mas também para as empresas, pois oferece mecanismos de controlo da produção. Vamos supor que um produtor consegue fazer um determinado perfil de vinhos considerado fantástico, com um posicionamento sensacional e grande aceitação do mercado. É de todo o seu interesse que, do ponto de vista enológico e de todas as operações que sofreu, mas também do ponto de vista da vinha, ter a rastreabilidade desse vinho em particular e conhecer cada tarefa que conduziu ao produto final.

Esta fica representada num número, ou símbolo, em cada garrafa - por exemplo no seu selo de garantia - e, a partir desses elementos, conheceremos toda a história do vinho até à sua origem. Podemos saber se, por hipótese, o vinho sofreu 20 trasfegas, uma decantação, qual a temperatura de fermentação, se veio da vinha que estava em determinada encosta de uma localidade específica. Como o enólogo só faz uma vindima por ano, consegue desta

forma rever e refazer todo o processo.

RV: Há uma perspetiva de melhoria contínua.

ALC: E da garantia do produto. Podemos encarar a rastreabilidade numa dupla perspetiva: a vertente empresarial, que visa garantir a qualidade do vinho na base da segurança alimentar e alcançar melhorias qualitativas. Como enólogo, sei que a garantia da segurança alimentar está sempre ligada à garantia e crescimento da qualidade.

Temos depois a perspetiva de controlo e regulação do mercado, por exemplo na colocação de determinados elementos no rótulo que garantam que este não possa ser reimpresso ou sofrer imitações. Aí já estamos no campo do controlo da contrafação. Este aspeto também é importante, uma vez que os vinhos portugueses crescem em notoriedade e valor. Quando isso acontece, verifica-se também o aumento do risco da contrafação.

RV: Esse é também o papel da enologia?

ALC: No vinho, tudo é química; mas não quer dizer que seja algo artificial. As reações químicas são naturais e as uvas são ricas em moléculas. Estes compostos jogam um papel importante na perceção da bebida. O vinho é aromático porque tem moléculas voláteis que libertam aromas; se o vinho não tivesse ácidos orgânicos tartáricos e málicos, os vinhos não tinham acidez e não sentiríamos frescura. Estes ácidos existem em menor quantidade nas zonas quentes e em maior quantidade nas zonas frias. Quanto mais maduras as uvas menos ácidos orgânicos têm. Do ponto de vista da rastreabilidade, conseguimos seguir o rasto a partir da garrafa até à vinha e perceber se o vinho é originado numa determinada vinha, localizada no Douro Superior ou numa zona mais atlântica como os Vinhos Verdes.

Se a uva não tivesse açúcares, não haveria fermentação nem álcool, que é doce e permite solubilizar todo um conjunto de compostos que lhe conferem aroma, sabor e complexidade. Na enologia, a traçabilidade é fundamental, não só para contar a história da frente para trás, mas também o inverso. O espaço de uma vindima, em que é preciso intervir, é muito curto, e só se repete no ano seguinte. Fazer isto sem registos é impossível. Trata-se de uma visão muito prática.

Outra dimensão é a do controlo, ou seja, a verificação de determinados compostos associados a uma região. Por exemplo: o que dá cor aos vinhos é um composto chamado antociana. O Pinot Noir, casta internacional bem conhecida, tem uma característica que torna as antocianas diferentes da casta Vinhão dos Vinhos Verdes. Analiticamente é possível saber se um vinho de Pinot Noir é efetivamente desta casta, pois este composto é único; se a casta Pinot Noir tivesse grande valor de mercado e alguém tentar fazer passar um vinho de outra casta por aquela, dispomos de processos analíticos que asseguram a sua veracidade.



*No vinho, tudo é química.
As uvas são ricas em
moléculas e estes
compostos jogam um papel
importante na perceção
da bebida.*

RV: *A complexidade dos procedimentos é enorme...*

ALC: Este processo é relativamente simples; existem outros bem mais complexos, como a análise isotópica no setor vitivinícola, muito detalhada e através da qual conseguimos encontrar marcadores associados a determinadas regiões. Não é possível dissociar a enologia da viticultura. Tudo tem a ver com laboratórios, mas também tudo não tem a ver laboratórios. Não conseguimos viver na enologia sem a parte analítica.

RV: *A rastreabilidade pode também estender-se a outros produtos, como a cortiça?*

ALC: Neste caso o trabalho incide sobre a influência da parte aromática negativa das rolhas, o chamado mofo de rolha. Estes processos prendem-se com a rastreabilidade e o controlo dos lotes de cortiça. Quanto maior for a rastreabilidade de uma área menos suscetível a sofrer esse problema, ou do rigor das pranchas à entrada da corticeira, vemos que se a prancha não tiver defeitos, também a rolha não os terá.

Apesar das corticeiras terem evoluído muito nos tratamentos, conhecer a história da prancha, desde o sobreiro até à rolha, permitirá maior segurança e garantia de qualidade dos nossos consumidores. Se

repararmos, as rolhas têm um código, que nos indica entre outros elementos quem é o fornecedor e quando foi aplicada a rolha na garrafa. Se existir um problema, é possível seguir a sua história, até ao próprio sobreiro.

RV: *A contrafação e fraude nos vinhos, que são temas que ganham maior perceção pública, são mais difíceis quanto maior for o controlo?*

ALC: Este tema é incontornável quando falamos hoje em vinhos, sobretudo aqueles de maior valor, mas também na defesa da denominação das regiões. É do interesse não só do produtor mas também da própria denominação de origem. O selo de garantia é, no fundo, uma forma de rastreabilidade. A globalização dos mercados conduz ainda a uma vertente de 'controlo do controlo'; estou a ser rigoroso no que afirmo. É importante desenvolver técnicas para nos autocontrolarmos e para controlar vinhos que nos chegam de fora, apesar de não sermos um mercado exposto aos vinhos estrangeiros, pelo menos em garrafa.

As fronteiras são abertas mas os controlos podem ser apertados do ponto de vista laboratorial. Há mercados na Europa, como o alemão, que desenvolveram um perfil de controlo que vai muito mais além do próprio país. Refiro-me a compra-

dores que, pela sua dimensão e volume de compras, são mais exigentes do ponto de vista da rastreabilidade do que outros. O caderno de encargos para esses produtores, empresas ou países, é muito maior. Aqui já não falamos da defesa da denominação de origem, mas de negócio, sempre ligado à rastreabilidade. Daí que o controlo seja uma necessidade das empresas e não somente de uma denominação de origem, que é mais abrangente.

RV: Todos estes temas serão abordados na conferência Wine Track 2018?

ALC: Julgo que, quem tiver um pouco de curiosidade sobre a química do vinho e os processos de produção encontrará certamente pontos de interesses nesta conferência. Para as empresas esta é, no entanto, obrigatória, dada a sua abrangência. Recordo que o Wine Track é uma marca registada pela Societé des Experts Chimiste de France, que é aliás um dos organizadores do certame, que conta ainda com patrocínio do OIV. O programa é muito atraente, pois num dia apenas focaremos vários pontos, desde a vinha até à imagem e ferramentas para garantam a ausência de fraude, numa vertente muito prática e transversal e uma visão alargada do tema.



Entrevista António Luís Cerdeira

As tecnologias em torno da rastreabilidade e a proteção das marcas serão os grandes temas do Wine Track 2018.